

## *O mistério da origem do Storytelling*

 *Beatriz Tentúgal*

*beatriztentugal@gmail.com*

<https://orcid.org/0009-0002-9462-5839>

*ISCAP, Instituto Politécnico do Porto*

### **Resumo**

Este artigo de reflexão crítica explora a evolução da linguagem, da escrita e do *storytelling* ao longo da História da Humanidade. Desde os primórdios da comunicação humana, através de pictogramas e pinturas rupestres, até aos sistemas complexos de escrita dos Sumérios e Egípcios, investigando as origens e desenvolvimentos dessas formas de expressão. Analisamos as motivações por de trás do ato de escrever e contar histórias, incluindo o papel da emoção e da neuro química na criação e apreciação das narrativas. Ao considerar a importância contínua do *storytelling* na sociedade contemporânea, examinamos como as histórias continuam a moldar a nossa compreensão do mundo e a nossa interação com os outros. Este trabalho oferece *insights* valiosos sobre a natureza humana e o poder da linguagem como uma ferramenta fundamental de comunicação, expressão e sobrevivência do ser humano utilizando a misteriosa arte do *storytelling*.

**Palavras-chave:** *Storytelling*, Linguagem, Evolução, Comunicação, Escrita Criativa, Semiótica

### **Abstract**

This reflective article takes a closer look at how language, writing, and storytelling have evolved throughout Human History. From the earliest forms of communication, like pictograms and cave paintings, to the more sophisticated writing systems developed by ancient civilizations like the Sumerians and Egyptians, here we explore the origins and growth of these expressive mediums. We also dive into why people write and tell stories, considering how emotions and brain chemistry come into play, when creating and enjoying narratives. By examining how storytelling continues to impact society today, we see how stories shape our understanding of the world and our connections with others. Ultimately, this exploration offers valuable insights into what makes us human and highlights the vital role of language and the mysterious art of storytelling in our lives.

**Keywords:** Storytelling, Language, Evolution, Communication, Creative Writing, Semiotics

## Introdução

A comunicação humana, seja ela pictórica, verbal ou escrita é um fenômeno complexo e enigmático, cujo papel se mostrou, desde os nossos primórdios, fundamental na transmissão de conhecimento, na formação de identidades culturais e na sobrevivência e evolução da nossa espécie. Dentro deste vasto campo, o *storytelling* emerge como uma prática ancestral e essencial para a compreensão não só de nós mesmos, como dos demais e do nosso contexto. Neste artigo serão exploradas as origens dos vários tipos de linguagem, evolução e o papel que o *storytelling* tem na nossa História e atividade como profissionais de comunicação.

Esta análise começa com uma investigação das origens da linguagem pictórica, verbal e escrita, examinando teorias propostas por estudiosos ao longo dos séculos. Desde a Teoria Bow-Wow de Johann Herder, à Teoria da Evolução de Darwin, investigaremos como a linguagem humana se desenvolveu, e como a escrita emergiu como uma forma de comunicação, permitindo que a linguagem verbal ganhasse memória.

Além disso, este artigo debruça-se sobre o fenômeno moderno do *storytelling*, examinando a sua importância na vida cotidiana e no contexto profissional. Esta reflexão crítica explora, também, a ciência por de trás do *storytelling*, analisando os efeitos neurológicos e emocionais, que as histórias têm sobre os recetores. Através de uma análise das hormonas libertadas na presença de um bom *copy*, como a dopamina, ocitocina e endorfina, pretendemos entender melhor quais os mecanismos subjacentes ao poder das histórias.

Assim, este artigo procura dar destaque ao papel central do *storytelling* na comunicação humana, a sua evolução ao longo da história e o seu impacto nas sociedades contemporâneas, fornecendo uma visão abrangente e interdisciplinar deste fenômeno universal.

## O passado é feito de histórias

Há cerca de 2 600 000 anos, começou a Idade da Pedra, sendo esta considerada o berço da nossa cultura e História, onde a comunicação tinha como principal missão a nossa sobrevivência enquanto espécie. Vivíamos do que a Natureza e do que o nosso contexto geográfico nos proporcionava e, como tal, estávamos expostos a vários perigos. Surgiu, então, a necessidade de o ser humano comunicar estas situações de vida e de morte aos membros da sua comunidade. Nunca a comunicação teve uma função tão vital.

Talvez a pedra tenha sido a nossa primeira forma de eternizar mensagens e, acima de tudo, contar histórias que ainda hoje são estudadas. Os nossos antepassados utilizavam tintas feitas a partir de seiva de plantas e até sangue animal, para contarem histórias do seu quotidiano e, sobretudo, de momentos de caça, para que as próximas gerações aprendessem, imitando as imagens nas paredes das suas grutas.

Se tivermos em conta a Teoria de Aprendizagem Social (TAS) do psicólogo e professor Albert Bandura, esta sustenta a teoria de que grande parte da aprendizagem vem da imitação de outros comportamentos: “A TAS diz que adquirimos comportamentos através da combinação do reforço e da imitação, onde a imitação é a reprodução da aprendizagem a partir da observação (...)” (Sutton, 2021), e isso continua presente atualmente.

Um exemplo da teoria da aprendizagem via imitação é a Tribo Massai, onde, para os jovens rapazes se tornarem homens, os mesmos têm de ir para a savana e matar um leão. A sua forma de preparação mental e aprendizagem é baseada na observação

dos registos pictóricos nas suas grutas, onde está registado o ritual pelo qual vão passar. Isto ajuda-os, não só a racionalizarem o medo que vão sentir, como facilita a sua capacidade de lidarem com emoções fortes e negativas (Friedmann, The mystery of storytelling: Julian Friedmann at TEDxEaling, 2012).

Mais uma vez, o facto de termos um exemplo no qual podemos confiar e reproduzir, ajuda-nos a enfrentar os desafios que nos são apresentados ao longo da nossa vida. Logo, é seguro afirmar que a comunicação é a chave para a nossa evolução e sobrevivência.

## Onde nasceu a linguagem verbal?

Esta é talvez das questões que mais tem assombrado a nossa contemporaneidade. Ninguém, até agora, conseguiu decifrar este grande mistério de como é que a linguagem verbal surgiu. Em que momento da história começámos a verbalizar as nossas histórias? Existem várias teorias possíveis, no entanto aquelas que se destacam são:

- **Teoria Bow-Wow:** Esta teoria foi desenvolvida pelo filósofo alemão Johann Gottfried Herder no século XVIII, e a mesma defende que a linguagem verbal começou quando os humanos começaram a imitar os sons que ouviam na natureza, como os sons de pássaros lobos, água, entre outros. Tal como comprova o seguinte excerto: “A teoria bow-wow que Muller atribuiu ao filósofo alemão Johann Gottfried Herder via as primeiras palavras como imitações dos sons das feras e pássaros (...)” (Adamu, 2015, p. 2). Logo, ao ouvirem estas onomatopeias, associavam esses sons ao animal em questão. No entanto, esta teoria não justifica como é que surgiu a formação frásica ou até a gramática.
- **Teoria Pooh-Pooh:** Já no século XIX, o linguista inglês Henry Sweet atribuiu uma nova origem à linguagem verbal. Ele defende que a linguagem surgiu de forma automática e natural como resposta à dor, prazer, medo, surpresa (Adamu, 2015) e que, à medida que o tempo passou, esses sons ficaram cada vez mais específicos. Uma objeção a esta teoria é o facto de os animais também possuírem tipos de interjeições, e não terem desenvolvido uma linguagem complexa como a nossa.
- **Teoria Yo-Heave-Ho:** Sir Edward Burnett Tylor, um antropologista britânico, definiu em 1871 que a linguagem teve origem nas atividades de trabalho físico árduo (grunhidos ou gemidos), ou ainda atividades coletivas de trabalho rítmico, de onde, na tentativa de sincronizar esforço muscular, resultavam sons como “Heave” alternados de sons como “Ho” (Adamu, 2015). Esta teoria é plausível, uma vez que a linguagem tem ritmo, no entanto a mesma não explica a origem do som ou como este adquiriu significado, transformando-se em palavras e frases.
- **Teoria Ding Dong:** Muller sugeriu que todas as coisas têm uma ressonância e vibração natural (Adamu, 2015), o que contribuiu para que o Homem reproduzisse e associasse esses sons aos objetos. Esta teoria, no entanto, não explica como é que esses sons evoluíram para explicar sentimentos e a outras coisas das quais não conseguimos obter uma vibração desencadeada pelo toque.
- **Teoria La La:** Foi proposta em 1930 por Sir Richard Paget, um advogado britânico e investigador científico amador da origem da fala. Segundo esta

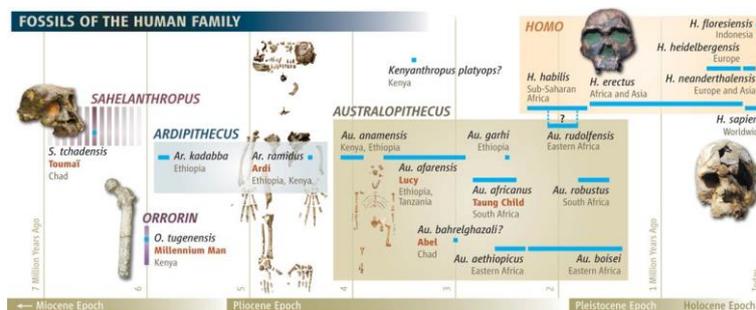
teoria, os primeiros sons da linguagem verbal provieram de imitações de gestos com a língua e boca, que se transformaram em som (Adamu, 2015).

- **Teoria de “pousar o bebê”:** Esta teoria proposta por Dean Falk, uma antropóloga americana, sugere que as mães perceberam que conseguiam ser mais produtivas se não carregassem os seus filhos ao colo. Ao pousá-los no chão, sentiram a necessidade de reafirmar e assegurar ao seu bebê que o mesmo não tinha sido abandonado, surgindo assim a linguagem verbal (Richards, 2023).
- **A questão moderna:** Esta teoria defende que ou a linguagem verbal aconteceu toda ao mesmo tempo (Teoria da Descontinuidade de Noam Chomsky); ou que, por outro lado, a linguagem verbal teve uma evolução lenta (Teoria da Continuidade):

Esta última - Teoria da Continuidade- defende que a linguagem verbal é muito complexa e que evoluiu ao longo de milhões de anos. Esta é talvez a teoria que continua a ser mais apoiada e estudada, havendo variações nas explicações da origem da linguagem.

Já na Teoria da Descontinuidade, de Noam Chomsky, o mesmo afirma que um dos nossos antepassados (Promethews), há cerca de 90 000 anos, teve uma mutação genética que lhe deu a capacidade de falar e entender linguagem, passando-a e ensinando-a aos demais. Aos olhos de Michael Corballis, esta teoria não faz biologicamente sentido. Se olharmos para o gráfico na Figura 1, representativo dos últimos 7 milhões de anos da evolução humana, o tempo que separa o ser humano dos grandes primatas é equivalente a 200 000 anos. Segundo Chomsky a linguagem surgiu a metade desse intervalo de tempo, o que não faz muito sentido, uma vez que ainda nos restam muitos milhões de anos como seres humanos não verbais (Corballis, 2018).

Figura 1: Fossils of the Human Family: Timeline



Nota: Retirado de UC Berkley News por Robert Sanders, 1 outubro 2009, ([https://newsarchive.berkeley.edu/news/media/releases/2009/10/01\\_ardiskeleton.shtml](https://newsarchive.berkeley.edu/news/media/releases/2009/10/01_ardiskeleton.shtml) )

- **Origem divina:** Outro dos grandes argumentos contra a Teoria da Descontinuidade de Chomsky, é o facto de esta ter uma abordagem bíblica. Tal como indicado na Bíblia, foi Deus que deu a habilidade da comunicação verbal ao Homem (Adão) e este passou esse conhecimento aos demais. No entanto, se Noam Chomsky estiver certo, teríamos de conceber a Teoria da Evolução de Darwin como falsa, uma vez que as datas dos acontecimentos não correspondem, como comprovado acima.
- **Origem animal:** Esta teoria acredita que a linguagem verbal humana teve origem nos grandes símios, não evoluindo a partir de chamamentos vocais, mas sim de gestos. Esta teoria é reforçada através da análise do circuito cerebral do macaco.

Há um circuito no cérebro do macaco que é ativado quando o mesmo faz o movimento de agarrar um objeto e quando vê outro animal/ pessoa a fazer esse mesmo movimento- o Sistema de Espelho. Resulta que o equivalente deste circuito

no cérebro do Homem, é o Circuito da Linguagem, o que comprova que, de facto a nossa capacidade para reproduzir linguagem já vem dos nossos antepassados mais primitivos (Corballis, 2018).

Se pensarmos na nossa evolução, ainda ninguém conseguiu ensinar os macacos a falar, mas quando experimentámos ensiná-los a utilizar a linguagem gestual para comunicar, obtivemos resultados positivos. Um grande exemplo desta realidade é o Kanzi, um bonobo macho (Figura 2), que utiliza um monitor com símbolos representativos de objetos e ações, para comunicar com os seus tratadores. Isto comprova que os bonobos se aproximam da linguagem verbal humana através da língua gestual (Donald, 2001).

Figura 2: Sue Savage-Rumbaugh (with Kanzi in 2003)



**Nota:** Retirado de Smithsonian Magazine por Paul Raffaele, novembro 2006, (<https://www.smithsonianmag.com/science-nature/speaking-bonobo-134931541/>)

Também a língua gestual humana é feita através de gestos com as mãos e cara, o que comprova que a linguagem pode ser puramente gestual e, mesmo assim, produzir uma comunicação completa e eficaz. A língua gestual é linguisticamente sofisticada, utilizando as mesmas áreas do cérebro que a linguagem verbal. Além disso, pessoas verbais também utilizam gestos para enfatizar a sua mensagem enquanto verbalizam.

## Vamos escrever as nossas histórias

Dizem que a escrita trouxe e deu memória à linguagem. Não passamos um dia sem escrever alguma nota, apontamento ou até texto, seja com o objetivo de não nos esquecermos de algo; registarmos um momento que nos marcou; organizarmos a nossa vida; ou simplesmente porque gostamos de escrever. Seja qual for o motivo, o desenvolvimento da escrita foi das invenções mais importantes do Homem, e tudo data a altura da linguagem pictórica, que foi abordada no início deste artigo. Foram as pinturas rupestres que abriram caminho para que, passados muitos milhares de anos, a linguagem escrita surgisse há 5.600 anos.

O povo Sumério, dedicava-se ao comércio e sentiu a necessidade de registar as suas transações comerciais, acabando por desenvolver um sistema de escrita à base de pictogramas, ao que chamaram Escrita Cuneiforme. Aqui, cada pictograma simbolizava o objeto em si e, ao longo do tempo esses símbolos evoluíram e começaram a representar o som da palavra, quando dita em voz alta, dando origem a um Sistema de Escrita por Palavras (History, 2016). Este sistema de escrita foi, mais tarde, adotado por outros povos como os Assírios ou Persas, que começaram a representar os sons das sílabas das suas palavras, surgindo o Sistema de Escrita por Sílabas.

Nesta mesma altura, já os Egípcios utilizavam as suas próprias pictografias – os Hieróglifos, que começaram por representar os sons das palavras (fonetização da pictografia), o que fez desta escrita um Sistema de Escrito por Palavras, transformando-se, mais tarde, num Sistema de Escrita Silábica composto por 22

sílabas. Os hieróglifos foram também adotados pelos Fenícios e, mais tarde pelo povo Grego, que criou o alfabeto como nós ainda hoje o conhecemos (Sistema Alfabético de Escrita), no qual cada símbolo representa um fonema. Por isso, podemos afirmar que a origem do nosso alfabeto se deu, possivelmente no Egito.

## ***O Storytelling***

Seja de forma pictórica, oral ou escrita, o *storytelling* esteve sempre presente, acompanhou e fez a nossa História. Nos dias que correm, o termo *storytelling* tem sido muito mencionado e discutido, estando a ganhar uma importante força não só no nosso dia a dia, como também no contexto comercial e empresarial.

Por *storytelling* entende-se toda a atividade de escrever, contar, ou ler histórias e a sua importância provém de, e citando Mariano (2023, p. 208): “(...) uma razão muito simples: é que todo e qualquer ser humano é um contador de histórias. Está impresso no nosso código genético (...)”.

### ***Mas afinal o que nos faz querer contar histórias?***

George Orwell no seu livro “Why I write” (Orwell, 1946) acredita que existem quatro razões: puro egoísmo; imortalidade; vingarmo-nos de quem nos fez sentir mal; e tornar um mundo um sítio melhor. Já Samuel Johnson discorda, afirmando que “Nenhum homem, exceto um cabeça-dura, escreve a não ser por dinheiro.” (Friedmann, 2012).

Se escrever e contar histórias está tão presente na nossa genética, porque é que é tão difícil escrever um livro? Julian Friedmann, autor e agente de talentos, diz que a principal razão pela qual é difícil escrever uma boa história é porque nos temos de lembrar que a história em si é o mais importante. Mais importante do que a nossa audiência, do que as personagens, do que o enredo ou até do que o contador da história. O escritor tem de se inteirar que o seu principal objetivo é entreter o seu público, mas que a sua lealdade é para com os seus personagens, pois é com eles que o escritor vai conviver mais tempo, logo, há uma infidelidade para com a audiência, uma vez que esta acredita que o autor está a escrever para eles e só eles (Friedmann, 2012).

### ***Como podemos tornar a tarefa de escrita mais fácil?***

Lajos Egri, no seu livro “The Art of Dramatic Writing” (Egri, 2008), aponta que a base da escrita é a compreensão criativa da motivação humana: precisamos de entender como é que as pessoas usam as histórias, porque é que precisam delas, e o que fazem com as mesmas. De certa forma, fomos respondendo a estas questões ao longo deste artigo, resumindo-se a esta mesma realidade: usamo-las para nos percebermos a nós próprios, aos demais, e ao mundo que nos rodeia, ajudando-nos a eternizar a nossa História e a não deixar morrer tudo aquilo que fomos e somos, dando espaço para aquilo que ainda vamos ser.

### ***Então podemos dizer que há uma fórmula para escrever?***

Julian Friedmann diz que sim. Relembrando as suas aulas com o professor Frank Daniel, Julian questionou-lhe se nas sociedades pré letrado, estas usavam a Estrutura dos Três Atos de Aristóteles para contarem as suas histórias, mesmo sem eles terem lido Syd Field ou Robert McKee. O professor prosseguiu a explicar que, na realidade, a famosa Estrutura dos Três Atos, criada há 2.500 anos, explica como funciona o cérebro humano. Como explica Mariano (2023, p. 209): “(...) E para falar da estrutura de uma história sou quase obrigado a começar por falar de Aristóteles. O filósofo grego é o responsável pela estrutura mais básica que uma história pode ter: Princípio

» Meio » Fim (...)”, acabando o nosso cérebro por processar toda a informação desta mesma forma.

Mas não é somente esta estrutura que torna uma história boa, existem também sentimentos que o nosso cérebro não consegue ignorar, sendo este, verdadeiramente, o segredo para um bom *storytelling*. Sentimentos como pena (fazer com que a audiência simpatize e sinta empatia pela personagem); medo (ao criarmos uma ligação emocional entre o leitor e a personagem, temos o controlo absoluto sobre as suas emoções) e a catarse (que é o resultado, não da atividade intelectual do leitor, mas antes da libertação química no seu cérebro) (Friedmann, 2012).

David JP Philips ajuda-nos a perceber a ciência por de trás de um bom *storytelling*, na sua TED Talk (Philips, 2017): a Dopamina é a hormona que nos faz sentir como se estivéssemos num abismo e, não fosse o *storytelling* por definição “criador de dopamina”, uma vez que estamos sempre há espera do que vai acontecer a seguir, esta hormona faz completo sentido estar presente numa boa história. A seguir, temos a ocitocina, que é a responsável pela empatia, compaixão e sentirmo-nos humanos. E, finalmente, a endorfina que é libertada quando nos rimos, o que incentiva o relaxamento e o aumento de criatividade.

## Discussão

O artigo apresentado oferece uma visão profunda sobre a evolução da linguagem humana e o papel fundamental que o *storytelling* tem, desde os primórdios da nossa existência, até à nossa sociedade contemporânea. Diante disto, afirmo que tanto a linguagem como o *storytelling* são ferramentas essenciais na vertente da comunicação, com benefícios que transcendem as fronteiras do entretenimento, estendendo-se para áreas tão diversas quanto a educação, marketing e até mesmo a nossa sobrevivência enquanto espécie.

A questão da origem da linguagem, sobretudo verbal, tem sido e continua a ser um mistério, ao qual muitas teorias procuram responder e, a meu ver, acredito que esta será uma questão que permanecerá sem uma resposta completamente certa, pelo menos por agora. Dito isto, acredito ser fundamental a continuação deste estudo, uma vez que é com o estudo do passado que nos é possível construir um futuro com pilares solidificados.

Num primeiro ponto sobre a temática do *storytelling*, é crucial reconhecer que este tem raízes profundas no nosso código genético, uma vez que, desde os primeiros sinais da existência da humanidade, nós contamos histórias para transmitir conhecimento, cultura e contar as nossas experiências, para assim nos conectarmos uns com os outros. Esta prática ancestral não nos ajuda apenas a entender o mundo ao nosso redor, como também a compreendermo-nos como indivíduos singulares, e à nossa própria identidade cultural e histórica.

No contexto profissional, o *storytelling* emerge como uma ferramenta poderosa para captar a atenção dos clientes, construir marcas e comunicar mensagens de forma eficaz. Empresas que conseguem articular a sua narrativa de uma maneira apelativa e capaz de criar conexões emocionais profundas, conseguem construir uma vantagem competitiva significativa junto do seu público-alvo, o que lhes confere credibilidade e uma identidade forte.

Diante destes argumentos, fica claro que o *storytelling* não é apenas uma forma de entretenimento, mas sim uma ferramenta poderosa para o mundo da comunicação, aprendizagem e relações humanas. À medida que avançamos no tempo, é essencial

reconhecer e valorizar o papel central que o *storytelling* tem na nossa sociedade, e continuar a explorar maneiras de aprimorá-lo.

## Conclusão

A investigação sobre as origens da linguagem e da escrita oferece uma visão sobre a evolução da comunicação ao longo dos tempos. Desde os primeiros pictogramas, até aos atuais complexos sistemas de escrita, podemos comprovar o impacto da linguagem como uma ferramenta essencial para a transmissão de conhecimento, cultura, experiências e sobrevivência.

Além disso, o estudo do *storytelling* revela não só a sua importância histórica, mas também a sua contínua relevância na sociedade contemporânea. Através da análise das motivações por de trás do ato de escrever e contar histórias, somos capazes de compreender melhor a mente humana.

Ao considerarmos os elementos emocionais e neuro químicos envolvidos num bom *storytelling*, conseguimos perceber o poder que as histórias têm para evocarem uma variedade de respostas emocionais, e criarem uma conexão profunda entre os indivíduos. Esta compreensão mais profunda não só nos permite apreciar melhor as histórias que encontramos na nossa vida diária, mas também nos oferece *insights* valiosos sobre como podemos melhorar as nossas próprias habilidades de comunicação e expressão.

Numa última análise, ao explorarmos as origens da linguagem pictórica, oral e escrita e o *storytelling* não estamos somente a desvendar os mistérios dos nossos antepassados, mas também a ganhar uma compreensão mais profunda acerca de nós mesmos, e da nossa natureza como seres comunicativos. Este trabalho representa apenas mais um passo numa longa jornada para entender as complexidades da origem da linguagem humana, e do mistério que é o *storytelling*.

## Referências

- Adamu, S. (8 de outubro de 2015). *LANGUAGE AS MOST ESSENTIAL TOOL FOR HUMANS ACTIVITIES*, p. 2.
- Corballis, M. (2018, 14 de agosto). *The Origins and Evolution of Language | Michael Corballis* | TEDxAuckland. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=nd5cklw6d6Q&t=279s>
- Donald, M. (2001). *Kanzi Learns Language*. New Learning Online. <https://newlearningonline.com/literacies/chapter-14/kanzi-learns-language>
- Egri, L. (2008). *The Art Of Dramatic Writing: Its Basis in the Creative Interpretation of Human Motives*. BNPUBLISHING.
- Friedmann, J. (2012, 27 de novembro). *TEDx- The mystery of Storytelling: Julian Friedmann at TEDxEaling*. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=aI3-KI4BDUQ>
- History, E. (2016, 4 de junho). *A História da Escrita - Onde a História Começa - Extra History*. Youtube. [https://www.youtube.com/watch?v=HyjLt\\_RGEww&t=9s](https://www.youtube.com/watch?v=HyjLt_RGEww&t=9s)
- Mariano, M. (2023). *Dar a volta ao texto*. Ideias de Ler.
- Orwell, G. (1946). *Why I write*. Gangrel.

- Philips, D. J. (2017, 16 de março). *The magical science of storytelling | David JP Phillips / TEDxStockholm*. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=Nj-hdQMa3uA>
- Richards, O. (2023, 10 de março). *Where Did Language Come From?* Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=6gaJMvR7bKk>
- Sutton, J. (17 de Maio de 2021). *Social Learning Theory Bandura*. Positive Psychology.com. <https://positivepsychology.com/social-learning-theory-bandura/#theory>